

Frida, hoje, no Cine Brasília

Foto Thomas Parkin



O cineasta mexicano Paul Leduc

Quem quiser colaborar com o povo mexicano no momento em que o país recupera-se do terremoto que abalou a Cidade do México, deve assistir, hoje, às dez da noite, a pré-estréia do filme *Frida*, de Paul Leduc. Os ingressos custam 20 mil cruzeiros.

Frida é o título do quinto longa-metragem de Leduc, conhecido entre nós pelo filme *Reed: México Insurgente*, que recria, num misto de ficção e documentário, a passagem do repórter norte-americano pelo México, quando da Revolução de 1910. A personagem título do filme de hoje é Frida Kahlo, pintora surrealista, mulher do muralista Diego Rivera, e amiga do casal Trotsky, quando este se refugiou no México.

Tomando-a como tema central (seus sofrimentos e delírios, registrados em quadros que imprimem seu rosto na cara de uma corça ou preso ao corpo prostrado numa cama, tendo os cabelos ramificados como raízes de árvore) Paul Leduc traça fascinante painel do México nas cinco primeiras décadas deste século. Em especial, da militância e ação do Partido Comunista Mexicano. Não se pense, porém, tratar-se de filme político no sentido estrito da palavra. É, isto sim, obra que transgredir regras do cinema militante: não recorre à retórica (sustenta-se praticamente na imagem); não usa o clima do thriller; não mistifica heróis, nem se desintoxica pelo drama íntimo e individual.

Frida é um filme singular. Como singular foi a pintora Frida Kahlo, surrealista no momento em que o muralismo de terna conotação social era a mais forte tendência da arte mexicana, com Rivera (seu marido), Siqueiros e Orozco. O crítico de artes plásticas, Carlos Monsiváis, em seu artigo "Frida Kahlo — Que El Ciervo Vulnerado por el Otero Asoma" comenta: "Inútil opor-se à canonização láica. Ante a múltipla persuasão da figura exaltada, pouco valem os (infreqüentes) esforços desmistificadores. Frida Kahlo é, de modo simultâ-



Desenho da pintora surrealista Frida Kahlo, personagem do filme de Paul Leduc, que será exibido em benefício das vítimas do terremoto da Cidade do México

neo, mito e poderosa realidade artística, legenda viva e plena, a Santa Joana de uma época pródiga em personagens-limite. Sua reivindicação intensa e claramente individual é parte da recuperação de sua almofera original, o "Renascimento Mexicano", o descobrimento de um país pelos estrangeiros e os mexicanos, o sobressalto ante os quilômetros de muros saturados de traços fulgurantes, as batalhas contra a incompreensão de um meio burguês e moralista, a adoção de condutas beligerantes".

Diz mais Monsiváis: "O valor da obra de Frida não depende da auréola de

martírio. Também sua qualidade estética põe em relevo a intensidade de sua vida, a jornada interminável de sofrimentos e esperanças, de vigor e desespero. Inevitável mito, inevitável grandza artística".

Foi esta mulher que motivou o cineasta Paul Leduc a criar *Frida*, filme que discute a função da arte e mostra as dores de uma bela mulher, que teve as pernas paralisadas na infância (mal agravado por um acidente); um pouco da história do PC mexicano e a rápida estada de Trotsky no país, onde foi assassinado.

Frida Kahlo e seu marido Diego Rivera receberam Trotsky em Tampico, mes-

mo sabendo que era um homem perseguido. Este, por sinal, é um dos mais interessantes momentos do filme de Leduc, pois mostra verdadeira babel linguística, quando o casal Rivera e o casal Trotsky, em animada conversa, misturam espanhol, francês e russo.

Carlos Monsiváis lembra Frida como "a magnífica pintora que se retratava a si mesma, obsessivamente, ferida, melancólica, cervo vulnerado, mulher fi-deíssima (Me pinto a mim mesma porque estou só com frequência. Sou o tema que conheço melhor); a enferma que inaugura exposição carregada em sua cama, com retratos de Rivera e Stalin no centro da galeria; a mulher monogâmica e poligâmica, a amante fugaz de Trotsky e a lesbica valorosa; a militante que, semanas antes de morrer, participa de manifestação em protesto contra o golpe de Estado na Guatemala e levanta seu braço esquerdo; a artista primitiva e sofisticada".

Quem for ver o filme deve prestar atenção especial nos cenários e figurinos. São magníficos. Leduc conservou, com seus cuidados de documentarista, a ambiência da casa de Frida, ainda hoje mantida. E encaminha sua câmara rumo a espelhos que refletem a imagem ferida e bela da pintora, como se buscasse exprimir, também, a sua alma.

BANDEIRA DO PC

Frida nasceu em Coyacan, em 1907. Aos 21 anos, conheceu Diego Rivera, então pintor consagrado, de 41 anos. Pintou quadros delirantes: *A Cama Voando*, *Recordação da Ferida Aberta*; *O Abraço do Amor Entre o Universo, a Terra, Eu e Diego*; *A Corsariinha*; *As Duas Fridas*; entre muitos e muitos outros. Morreu em 1954. Seu corpo foi velado no Museu de Belas Artes e seu caixão coberto com a bandeira do PC Mexicano. No filme de Leduc, Rivera recebe a bandeira e sai.

Este gesto, no Brasil, conjecturaram os que viram *Frida*, em sua apresentação na Jornada de Cinema da Bahia, em setembro último, dar margem a interpretação negativa, ligada ao abandono. Outros viram diferente: Frida vai-se embora "em busca de sua saída gozoza, esperando nunca mais voiver". Fica para Rivera, parte de sua existência, vivida intensamente pelos dois; a militância no PC.

A presença de símbolos patrióticos na arte é sempre polémica. No final dos anos 70, no Festival de Gramado, o cineasta Roberto Palmari foi acusado de panfletário por ter, numa cena de seu filme *Diário da Província*, mostrado um personagem (vivido por Gianfrancesco Guarnieri) que, para salvar uma criança, embrulha-a com a Bandeira Brasileira. Naquele tempo, os símbolos nacionais ainda eram tabus, pois não tinham sido reconquistados pela sociedade civil, na campanha das Diretas.

O PC Mexicano, nos anos 20 e 30, é para Monsiváis "uma argamassa de qualidades e defeitos extremos: generosidade, solidariedade, despreendimento, sectarismo, fanatismo, desprezo da morte, fé angustiosa em Stalin, ódio frenético ao inimigo de hoje que se foi com o companheiro de ontem, resistência à perseguição e ao dogmatismo. Em tal espaço, não há maneira de estabelecer, com nenhuma clareza, os debates sobre arte e compromisso. A solução é uma teoria revolucionária que vai seguindo, sinuosamente, os roteiros da prática".

Pena que Paul Leduc não esteja em Brasília. Ele só chega ao País, na segunda quinzena de novembro, quando mostrará *Frida* no II Festival (Festival de Cinema, Televisão e Vídeo do Rio de Janeiro). Poderá, então, debater com o público este que é o mais elaborado de seus filmes. (Marta do Rosário Caetano)